

ENSINAR É PRECISO

ANNA MARIA LUNARDI PADILHA
UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA - UNIMEP

Não me parece simples nem fácil pensar a infância, a educação e suas práticas, o conhecimento, a inclusão – conceitos que são contemplados neste simpósio.

Torna-se, dessa forma, necessário que me coloque de um certo mirante, de um certo ponto de vista para a reflexão sobre essas questões, convencida de que não darei conta da complexidade que se apresenta. São tantos os modos de olhar e sob diferentes áreas do conhecimento, que a escolha de um mirante, de uma posição teórica e metodológica faz muita diferença nas análises e nas possibilidades de intervenção política e educacional.

Existe no Brasil uma boa quantidade de estudos, pesquisas e produções de dissertações, teses, livros e artigos que tocam cada um dos conceitos e a relação entre eles. Ou seja: não é novidade que quando falamos de infância pensamos na escola; que quando falamos da escola pensamos nos conhecimentos que cabe a ela transmitir às novas gerações; que quando falamos da escola e do conhecimento enfatizamos as práticas educativas e marcamos nossa denúncia da exclusão e nosso propósito de que todas as crianças estejam incluídas na escola e na vida cultural. Pergunto-me: uma criança que fica na escola sem se apropriar de conhecimentos relevantes, atrasando-se em seu processo de aprendizado e desenvolvimento está vivendo sua infância de que modo? Como fica, nesses casos, que não são poucos, a relação entre infância, conhecimento, práticas pedagógicas e a política de inclusão? Que escola e que práticas são essas que permitem que alunos concluam o ensino fundamental lendo tão mal? Escrevendo tão pouco? Dominando conhecimentos tão simplificados e reduzidos? Sabendo tão menos do que desejaríamos que soubessem? Afinal... ensinamos, nos esforçamos, preparamos aula... nos formamos para sermos professores e ficamos tão desanimados com os resultados...

No dia 26 de Julho deste ano, a Folha de São Paulo publicou uma matéria comentando sobre o 4º Congresso Mundial da Internacional da Educação, encontro que reuniu educadores de 150 países, em Porto Alegre, RS. Nesta matéria está declarado que “Segundo levantamento feito pelo MEC, 55% dos alunos que concluem a quarta série do ensino fundamental têm desempenho em leitura considerado crítico ou muito crítico” (FSP, C 4).

Não me parece que estou falando de algo estranho, nem que o Jornal ou o MEC possam ter exagerado. Pelo contrário, assumo que os outros 45% também não estejam letrados, também não se utilizem da leitura e da escrita com frequência em suas vidas, em seu cotidiano.

Pesquisas que abordem as práticas educativas e práticas que sejam refletidas à luz dos conhecimentos teóricos ainda não fazem um par perfeito.

Alguns estudos sobre infância – na antropologia, na sociologia e também na psicologia falam de *infâncias* – no plural.

Não há uma infância universal, geral, igual para todas as crianças de uma certa faixa de idade. Não! Há modos diferentes de viver a infância, ou seja, há modos diferentes de ser criança.

Mas se a escola deve ser para todas as crianças, então o que e como fazer se muitas delas que estão na escola, não estão aprendendo tudo o que devem aprender?

Certa vez, uma professora da primeira série do ensino fundamental disse: “Eu aprendi, já faz tempo, no curso de formação de professores que a gente precisa ensinar a ler e escrever, e era isso que eu fazia no início de minha docência; mas agora, depois de alguns anos de magistério, tendo participado de tantos cursos, oficinas e treinamentos, aprendi que é preciso ensinar cidadania, trabalhar a criatividade com os alunos, partir do que eles já sabem, respeitar o ritmo de cada um....” (ALBIERO, 2004).

Na sala de aula dessa professora havia um grande número de crianças que não estavam se alfabetizando e ela estava sofrendo com isso. Pergunto: o que aconteceu com a função da escola? O que aconteceu com a função de professor? Qual a relação entre educação e cultura? Entre cultura e cidadania? Entre cidadania e a leitura e a escrita? Como se apropriar do saber sistematizado se a escola não transformar esse saber em saber escolar? Como fazer da escola a vivência do processo que faz do homem um humano pleno? Se a escola não cumpre seu papel de ensinar, o saber continua a ser propriedade privada a serviço de grupos dominantes.

Falei que estaria olhando de um certo mirante, de um certo ponto de vista. Este lugar de onde convido vocês a olharem comigo chama-se ENSINO. Se quiserem – práticas pedagógicas que promovam ensino efetivo.

O verbo ensinar parece estar em desuso. Fala-se em problemas de aprendizagem, mas pouco se tem dito claramente sobre problemas de “ensinagem”. Fala-se de inclusão de crianças e adolescentes na escola, mas pouco se tem falado sobre a inclusão da escola e do ensino na vida dessas pessoas.

Em Julho deste ano estive, durante uma semana, com professores e professoras de uma rede municipal de ensino, no sul do país. Tratava-se de um curso de 40 horas para professores experientes e muito bem organizados. Todos com excelente formação acadêmica. O debate que realizamos foi uma surpresa para todos nós e, diga-se, muito proveitoso. De que tratamos?

De uma grande novidade do século XXI – nos debruçamos sobre a questão de como ensinar a ler, a escrever, a operar com números. Tratamos de estudar como é que crianças e jovens aprendem. O que e como ensinar a eles. Depois de quase duas décadas de um certo vazio de práticas educativas, tratávamos de examinar detalhadamente o que estava acontecendo na sala de aula. E a pergunta que estava engasgada fez eco: *“Então é para ensinar? É para dizer claramente os conjuntos de letras? É para mostrar como se escreve? É para corrigir? É para fazer junto? E todos nós cantamos juntos: “Vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”!*

É desse ponto de vista que estou hoje falando a vocês. Do ponto de vista de quem sabe que precisa ensinar. Como diz Saviani (2003) em sua Pedagogia Histórico-crítica, “não é possível ser criativo sem dominar determinados mecanismos” (p.19). É preciso dominar os mecanismos da linguagem escrita, incorporá-los, torná-los próprios de cada um, torná-los parte de nosso corpo. Escrever, ler e contar não é natural: é aprendido. É apropriado. É convertido em processo interno. Esse é o papel do ensino (p.20). E quem ensina é o professor. Onde? Na escola, espaço próprio para o ensinar e o aprender. Todos sabemos que a escola é, muitas vezes, o único modo de um grande número crianças e jovens se apropriarem do saber sistematizado.

Só é possível que a escola cumpra essa tarefa se for um processo deliberado, planejado, sistemático. Ainda é Saviani quem nos alerta: “para ser um bom alfabetizador é preciso aliar ao domínio da língua o domínio do processo pedagógico indispensável para se passar da condição de analfabeto à condição de alfabetizado” (p.21).

Organizar o conteúdo, o tempo, os instrumentos necessários, as estratégias, os modos de avaliar nosso trabalho registrando os avanços ou recuos de nossos alunos.

Lembro-me do que disse o filósofo e educador Mário Sérgio Cortella (1998): a educação é um ato de força. Força no sentido, não de violência, mas de um cuidado e trabalho extremos para fazer avançar a capacidade de compreender e intervir na realidade, para muito além do estágio presente. Só assim, com esta força é possível gerar autonomia e humanização (p.125). Levar em conta o que os alunos já sabem não é a mesma coisa que acatar o que eles já conhecem e deixar esse conhecimento

permanecer por um tempo tão longo que, via de regra, não dá tempo de aprender os conhecimentos necessários. Vejamos bem: conhecimentos necessários não é o mesmo que conhecimentos possíveis. É preciso ir além do que é possível.

Se continuamos esperando, se acatamos os conhecimentos de nossos alunos como sendo o que é possível, menosprezando a tarefa de intervenção planejada e deliberada, o que estamos fazendo? Estamos aprofundando as diferenças e ajudando a manter a injustiça – estamos alimentando a exclusão.

Professores reclamam dos alunos; coordenadores, supervisores, assessores, diretores... reclamam dos professores. Parece que está difícil assumir a tarefa de ensinar. Como diz o poema: “há um jogo de culpa que faz tanto mal!”

Todos estamos aprendendo. Todos precisamos da ajuda do outro para aprender. Todos precisamos da linguagem do outro para compreender. Mas nem todos aprendemos tudo, ao mesmo tempo, do mesmo modo.

Em alguns dos encontros que tive com professores – e não são poucos – a lista que fazem das dificuldades dos alunos é enorme: não sabem ler; escrevem mas não lêem; não produzem textos; não compreendem o que lêem; não resolvem problemas com o raciocínio esperado...

E quando vou fazer, junto aos professores, uma lista das prováveis causas, lá vem outro rol enorme de queixas: pais analfabetos; miséria; desestrutura familiar; problemas emocionais; políticas públicas inadequadas; desnutrição; modo estranho de falar...

Então proponho: vamos sanar as causas primeiro? Vamos resolver o que vocês acham que está na base dos problemas de aprendizagem? E começamos a discutir um a um.

Chegamos à conclusão que não poderemos, a curto ou médio prazo alfabetizar os pais de nossos alunos. Que não vamos fornecer alimento necessário a todos eles; que não vamos mudar as políticas públicas em um prazo curto de tempo; que não conseguiremos resolver os problemas familiares de nossos alunos e que a miséria é fruto de uma injustiça planetária.

No primeiro momento: um choque. Paralisação e consternação. Uma sensação de impotência. Mais adiante, a consciência da necessidade urgente de duas lutas absolutamente articuladas: uma luta pela aprendizagem na sala de aula, de cada aluno – imediata; e uma luta política, tanto imediata como a longo prazo por uma sociedade mais justa, pelo fim do capitalismo selvagem e assassino, pela queda do império que mantém a miséria para aumentar seu lucro.

Já mais aliviados, sem no entanto estarem acomodados, os professores começam a pensar, a planejar, respondendo detalhadamente às questões: Por que ensinar o que quero ensinar? O que preciso ensinar? Como devo ensinar? A quem vou ensinar? Quando vou ensinar? Por quanto tempo? Qual o mínimo necessário (e não o possível) para que cada criança ou jovem avance em sua participação efetiva no mundo do saber sistematizado? Que conteúdos escolher para que elaborem conceitos cada vez mais complexos? O que fazer para não deixar nossos alunos analfabetos? O que e quanto ler para eles enquanto não sabem ler? O que ler com eles, enquanto se alfabetizam? O que propor para ler depois de alfabetizados? O que escrever por eles, quando ainda não escrevem? O que escrever com eles, no processo da aprendizagem da escrita? O que fazer com as produções dos alunos? O que fazer para que as atividades tenham o sentido de serem palavras apropriadas pelos alunos (não obrigatoriamente prazerosas)? Ensinar é trabalho. Aprender, também.

A autora Magda Soares (1996) escreveu com muita clareza sobre o difícil problema que enfrentamos para relacionar três aspectos da prática educativa:

- a) *produção do conhecimento* – as pesquisas e as reflexões que se faz nas universidades;
- b) *socialização dos conhecimentos* – fazer chegar até os professores e os formadores de professores os conhecimentos produzidos nas pesquisas por meio das reflexões teóricas;
- c) *práticas docentes* – as tarefas do dia-a-dia dos professores em sala de aula.

Os três aspectos do conhecimento não devem estar fragmentados e nem podem estar nas mãos de uns poucos iluminados. A articulação entre teoria e prática precisa responder às questões do cotidiano; dizendo claramente: precisa ter efetiva contribuição para o ensino e o aprendizado da leitura e da escrita.

Vou encerrando com um alerta de Mário Sérgio Cortella: é preciso fazer uma distinção entre ensino *tradicional* e ensino *arcaico*. Tradicional é o que deve ser resguardado e protegido por ser eficiente e demarcar a posição política. Arcaico é o que está ultrapassado pela sua ineficiência, seu preconceito, sua discriminação, sua falta de aplicabilidade em novos contextos sociais.

Termino com um poema de Bertold Brecht – quase um hino, escrito na primeira metade do século passado:

“Elogio ao aprendizado”

*Aprenda os mais simples!
Para aqueles cuja hora chegou
Nunca é tarde demais!
Aprenda o ABC; não basta, mas
Aprenda!
Não desanime! Comece!
É preciso saber tudo!
Você tem que assumir o comando!
Aprenda, homem do asilo!
Aprenda, homem na prisão!
Aprenda, mulher, na cozinha!
Aprenda, ancião!
Você tem que assumir o comando!
Frequente a escola, você que não
tem casa!
Adquira conhecimento, você que
sente frio!*

*Você que tem fome, agarre o livro:
É uma arma.
Você tem que assumir o comando!
Não se envergonhe de perguntar,
camarada!
Não se deixe convencer
Veja com seus olhos!
O que não sabe por conta própria
Não sabe.
Verifique a conta.
É você quem vai pagar.
Ponha o dedo em cada item
Pergunte: O que é isto?
Você tem que assumir o comando!*

Referências

- ALBIERO, R. **Interações na sala de aula – indícios dos sentidos produzidos no processo de ensinar e aprender**. Dissertação de Mestrado, UNIMEP, 2004.
- BRECHT, B. **Poemas: 1913-1956**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento – fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo: Cortez, 1998.
- SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico- Crítica**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- SOARES, M. Introdução à Edição Brasileira. CHARTIER, A-M; CLESSE, C. e HEBRARD, J. **Ler e escrever – entrando no mundo da escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1996.